

**GEMINIS**

[DOSSIÊ - ATIVISMO DIGITAL]

# **VOZES NÔMADES: ATIVISMO TRANSMÍDIA E MOBILIZAÇÕES SOCIAIS**

**MAÍRA VALENCISE GREGOLIN**

*Doutoranda do Departamento de Mídias, Instituto de  
Artes/Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).*

*E-mail: valencise@gmail.com*

## RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de refletir sobre as mudanças nas disposições entre corpo e espaço no contexto da mobilidade - onde os indivíduos podem atuar em diversos locais através de dispositivos móveis, sem permanecerem estancados a um lugar ou tempo em particular - investigando um fenômeno da atualidade que estudiosos das relações entre mídias e sociedade denominam "ativismo transmídia". Tal expressão, cunhada pela pesquisadora Lina Srivastava (2009), refere-se às possibilidades que a narrativa transmidiática oferece para movimentos que propõem iniciativas de mudança social. Trata-se de pensar o ativismo no sistema midiático atual com estrutura multiplataforma em que a produção/compartilhamento do conteúdo acontece em uma sociedade com pessoas conectadas por uma causa, abrindo caminhos para o diálogo e instigando o engajamento no compromisso para a ação. Para discutirmos o impacto da telefonia móvel nesse fenômeno do ativismo transmídia, tomaremos como objeto de estudos as interações sociais que se estabeleceram por meio de plataformas online baseadas no uso dos telefones celulares em recentes manifestações sociais ocorridas na Síria.

**Palavras-Chave:** ativismo, mobilidade, ativismo transmídia, mobilização social.

---

## ABSTRACT

The present paper aims to make a reflexion about changes in the way body and space are disposed in mobility context – in which individuals can act in various places using mobile devices, excluding the necessity of being tight to a particular space or time. This article explores a media phenomenon "transmedia activism", as entitled by communication researchers. This expression, coined by Lina Srivastava (2009) refers to the transmediatic narrative possibilities of changing the society status quo. It is a way to imagine activism in the current multiplatform mediatic system; in which content production/sharing are made by a connected-by-a cause individuals. These type of acts open dialogs and create an engaged environment. In order to discuss the impacts of mobile telephony in the transmedia activism phenomena, we'll take as a case study the use of online mobile platforms (cellphones) in the recent social manifestations at the Syria's uprising.

**Keywords:** activism, mobility, transmedia activism, social mobilization.

*Your cell (phone) + you = yourcellf.*

‘Dime con quién andas y te diré quién eres’.

Así reza el aforismo; desde mucho antes de que se ideara el primer sistema de comunicaciones móviles. Nuestro móvil se ha convertido en nuestro mejor amigo: con él nos comunicamos, vamos de compras; se ha convertido en nuestro banquero y en un ‘comprador’ particular muy competente; conoce a nuestros amigos y nuestros hábitos sociales; puesto que siempre lo llevamos encima, podría recopilar incluso información que sirva de ayuda a nuestro médico para realizar un diagnóstico más fiable. No es ciencia ficción, es la realidad de una incorporación social mucho más rápida de lo que podría haber imaginado cualquier gurú; eso sí, menos glamorosa.

Antonio Miguel Fumero Reveron. *La Rede en el Movil*, 2010.

## 1 MOBILIDADE E ATIVISMO TRANSMÍDIA

**M**arc Augé, em seu livro *Por una antropología de la movilidad* (2007), nos mostra que na sociedade grega antiga havia uma profunda divisão entre o espaço privado, que era regido por Hestia - deusa do lugar, daquilo que é localizado - e o espaço público, protegido por Hermes, deus dos limites e fronteiras. Atualmente, afirma o autor, o público se introduz no privado, não há mais limites claros entre o que é territorializado e aquilo que é disperso: essa invasão, em que Hermes ocupou o lugar de Hestia, marcada pela mobilidade, pode ser simbolizada tanto pela televisão, quanto pelo computador mas, principalmente, pelo telefone celular.

A produção cultural contemporânea, seja no espaço público ou no âmbito privado, passou por profundas transformações derivadas do desenvolvimento das tecnologias digitais. Distribuídos em suportes cada vez mais rápidos, os produtos culturais chegam à completa desmaterialização digital atual como resultado do desenvolvimento de um amplo conjunto de tecnologias portáteis que permitem novas formas de consumo em mobilidade (VACAS AGUILLAR, 2010). Ao favorecer um ambiente de compartilhamento de informações, as redes de comunicação sem fio criaram um espaço simbólico propício à existência de novas experiências sociais. Entre as grandes transformações

decorrentes das novas formas de comunicação centradas na mobilidade estão as noções de espaço (público e privado), lugar e tempo, que ganharam novas configurações. A mobilidade é, portanto, um fator disruptivo que introduz cenários inéditos no consumo cultural (MCGUIRRE, 2007).

Este artigo, fruto de pesquisa em andamento, tem por objetivo iniciar uma reflexão sobre mudanças nas disposições entre corpo e espaço no contexto da mobilidade, investigando um fenômeno da atualidade que estudiosos das relações entre mídias e sociedade denominam “ativismo transmídia”. Tal expressão, cunhada pela pesquisadora Lina Srivastava (2009), refere-se às possibilidades que a narrativa transmidiática oferece para movimentos que propõem iniciativas de mudança social. Trata-se, portanto, de pensar o ativismo no sistema midiático atual com estrutura multiplataforma em que a produção/compartilhamento do conteúdo acontece em uma sociedade com pessoas conectadas por uma causa, abrindo caminhos para o diálogo e instigando o engajamento no compromisso para a ação. Assim, o ativismo transmídia é um fenômeno contemporâneo, propiciado pelo uso crescente de aparelhos portáteis, com seus recursos de geolocalização e de conectividade, que permitem às pessoas entrarem em contato umas com as outras e criarem grupos virtuais em torno de temas de interesse comum, seja para trocar experiências, resolver problemas ou aliar-se à luta por uma causa social.

As ações do ativismo no meio digital alcançaram tamanha amplitude a ponto de exigirem a atenção de estudiosos clássicos das mídias, como, por exemplo, Jesús Martín Barbero que chega a afirmar que as redes passaram a um “lugar de encontro” de múltiplas minorias e comunidades marginalizadas ou de coletividades de pesquisa e de trabalho educativo e artístico. Segundo Barbero (2009), “nas grandes cidades, o uso de redes eletrônicas está permitindo construir grupos que, virtuais em seu nascimento, acabam se territorializando, passando da conexão ao encontro, e do encontro à ação”. Outra característica muito importante das ações do ativismo transmídia é o fato de elas não se circunscreverem em um espaço delimitado, alcançarem dimensão planetária e, por isso, suas redes com múltiplos pontos de entrada permitem que ativistas e o público tenham uma experiência narrativa abrangente e coordenada. Nesse espaço de escala global, os ativistas podem agenciar ferramentas de co-criação que ampliam o envolvimento dos usuários com a causa, aprimorando as chances de transformação social. Essa decisiva transformação das formas convencionais de comunicação e a constituição de novos usuários é objeto da atenção de Vacas Aguillar (2010), ao afirmar que

A la previsibilidad contextual típica de los medios convencionales, acostumbrados a dirigirse a sus pasivas audiencias a través de redes y puertos fijos, le suceden ahora unos nuevos medios cuya característica definitoria es la libertad de elección del punto de acceso por parte de unos nuevos usuarios necesariamente más activos.

Criam-se, assim, novos sujeitos e espaços para o ativismo na medida em que a proliferação das mídias sociais e interativas e sua convivência com as mídias tradicionais propiciam a fusão entre experiências realizadas em casa, pelo computador e pelo uso de telefones celulares. Essas plataformas fazem parte do cotidiano das pessoas e levam a transformações em todos os sentidos da interatividade que hoje experienciamos (DINEHART, 2006). Uma das consequências dessa teia multiplataforma é a produção e o consumo de conteúdos de acordo com interesses em comum, em um processo que Castells (1999, p.566) define como *sociedade em rede*, considerando que as “[...] redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho).”

Em seu livro *Cultura da Convergência* (2008), Henry Jenkins destaca a multiplicidade dessas mudanças no âmbito da comunicação. Por meio do conceito de convergência, Jenkins chama a atenção para três propriedades da cultura comunicacional contemporânea: a multiplicidade, a inteligência coletiva e a sociedade participativa.

Segundo o autor, a convergência não é apenas um processo tecnológico que une *múltiplas* funções dentro dos mesmos aparelhos, mas é também um processo de transformação cultural no qual é possível identificar novos níveis de participação dos usuários, novos laços com os conteúdos, novas orientações para o marketing contemporâneo, novas leis de direitos autorais, novos meios de aferir audiência. Ou seja, dada a *multiplicidade* de plataformas, os consumidores são estimulados a procurar informações, a fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. Além disso, há na convergência um acirramento do conceito de *inteligência coletiva*: trata-se, agora, de uma experiência muito mais radical daquilo que Pierre Lévy (2004) outrora descreveu como um processo coletivo de construção de conhecimentos, pois os dispositivos móveis permitem o engajamento de um número ilimitado de co-participantes. E finalmente, na *cultura participativa*, o fluxo crescente de informações exige que os consumidores, cada vez mais, problematizem as mídias que consomem. O consumo se tornou um processo coletivo, uma vez que a convergência das mídias permite modos de audiência comunitários, em vez de individualistas. Por isso, assim se expressa Jenkins ao afirmar a convergência como característica fundante da sociedade contemporânea:

Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mer-

cadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que estão falando. [...] A convergência não ocorre por meio de aparelhos, mas dentro do cérebro de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. (JENKINS, 2008, p. 29- 30).

Segundo Scherer-Warren (1999, p. 14-15), as ações coletivas produzidas pelo ativismo digital são formas de resistência aos contextos histórico-sociais nos quais estão inseridos. Elas se materializam em ações de três naturezas: a) *contestatória*: as ações tomam a forma da denúncia, do protesto, da explicitação de conflitos, das oposições organizadas; b) *solidária*: as ações objetivam a cooperação, as parcerias para resolução de problemas sociais, as ações de solidariedade; c) *propositiva*: as ações organizam projetos alternativos e propostas de mudanças. Um mesmo movimento pode desenvolver simultaneamente essas três dimensões, de acordo com “seu projeto civilizatório que inclui oposições ao *statu quo* e orienta-se para a construção de identidades sociais rumo a uma sociedade aprimorada”.

Com a possibilidade de acesso à internet via celular, os indivíduos ingressaram no ciberespaço, e podem organizar manifestações de alcance global, com atuação em diversos locais determinados, sem permanecerem estancados a um lugar ou tempo em particular. Por isso, suas ações virtuais formam redes de organismos independentes ligados por aparatos tecnológicos, com o objetivo de repartirem competências, recursos, custos e espaços. Para discutirmos o impacto da telefonia móvel no ativismo transmídia, tomaremos como objeto de estudos as interações sociais que se estabeleceram por meio de plataformas online baseadas no uso dos telefones celulares em recentes manifestações sociais ocorridas na Síria.

## 2 ATIVISMO TRANSMÍDIA VIA CELULAR: VOZES NÔMADES

A Guerra do Vietnã, nos anos 1960, causou comoção mundial pelo efeito midiático provocado pela publicização de imagens (tanto as fixas das fotografias distribuídas por agências internacionais, quanto as imagens em movimento na televisão), que levaram a opinião pública norte-americana a retirar seu apoio à ação armada. Era a primeira vez que a televisão veiculava imagens de guerra e, a partir de então, tais cenas de violência puderam ser vistas por um público telespectador, através do olho mágico da TV. A palavra *telespectador* significa “aquele que vê à distância”, por isso, a presença inédita da televisão transformou completamente as relações entre os indivíduos e o espaço. Pela primeira vez, atrocidades como crianças vietnamitas queimadas por bombas e rebeldes fuzilados seriam exibidas em “horário nobre” das televisões. Essas imagens impactantes mudaram radicalmente a opinião pública que apoiava a Guerra no – até então distante - Vietnã.

Naquele momento dos anos 1960, as condições para que se conseguisse registrar imagens e compartilhá-las com os espectadores eram completamente diferentes das atuais, com a internet e a presença dos celulares. Os equipamentos não possuíam o avanço tecnológico de hoje e eram muito caros. Apenas os grandes canais de comunicação possuíam os equipamentos adequados e conseguiam viabilizar o transporte até os locais dos confrontos. Com isso, durante muitos anos, limitava-se aos profissionais de comunicação a responsabilidade de testemunhar os conflitos e exibir as imagens registradas. A aparelhagem era pesada, precisando de até três pessoas para movê-los, o que dificultava a mobilidade. À época, o jornalismo impresso dispunha da mobilidade que os recursos telegráficos como o telex e os teletipos propiciavam, tornando sua produção relativamente mais rápida. As condições adversas como o mal tempo poderiam danificar as enormes câmeras, aumentando sua vulnerabilidade. Por fim, o processo como um todo era lento: desde o registro das informações até a exibição por um canal de televisão ou pela imprensa poderia levar cerca de dois dias.

Na atualidade, os dispositivos tecnológicos das mídias permitem a circulação instantânea da informação e a divulgação de imagens em tempo quase real. Foi o que ocorreu na ofensiva americana no Iraque, em 2003, quando as câmeras televisivas transmitiram ao vivo, para o mundo todo, o bombardeio de Bagdá. Essa presença da mídia determinou que esse incidente iniciasse aquela que foi denominada como “a primeira guerra pós-moderna”, referindo-se ao fato de ter sido amplamente exibida como um espetáculo midiático proporcionado pelos avanços tecnológicos dos dispositivos de comunicação.

Diferentemente dos anos 60, quando a circulação da informação era monopólio das grandes organizações, atualmente, o avanço das tecnologias tem possibilitado o envolvimento dos indivíduos na produção e compartilhamento de conteúdo midiático alterando os padrões de consumo e permitindo que se configure a noção de cultura participativa. A convergência de diferentes mídias tem servido a estratégias de um número crescente de movimentos sociais, uma vez que os usuários aprenderam novas formas de interagir com o conteúdo que encontram. Essa cultura participativa acompanha o desenvolvimento tecnológico que sustenta a convergência midiática e cria demandas que as mídias de massa ainda não estão aptas a satisfazer.

Em visita ao Brasil, em 2007, Katrin Verclas, fundadora da ONG MobileActive.org, fez um alerta sobre o impacto da proliferação do uso de celulares. (MACHADO, 2007) À época, Verclas mencionou que o aumento na quantidade de aparelhos vinha alterando a maneira como os indivíduos se relacionavam entre si. Ao ressaltar os potenciais do celular, ela finalizava o discurso afirmando que havia chegado então o momento em

que os aparelhos deveriam ser usados para estabelecer mudanças sociais. Desde então, o uso de celulares veio dinamizar esforços de intervenção dos movimentos sociais na cena pública e, deste modo, tornou-se aliado de ações que promovem mudanças, como ferramenta potencializadora em diferentes campos do ativismo digital. Nesse sentido, o celular é, cada vez mais, um dispositivo que coopera para a formação de redes de entidades e movimentos sociais numa nova forma de cidadania típica da era globalizada.

Enquanto ferramentas de apoio a diferentes formas de ações sociais, os celulares extrapolam suas funções clássicas enquanto *telefones*, o que significa que eles ultrapassaram a tecnologia de voz voltada para comunicação a distância e desempenham, hoje, funções que envolvem a tecnologia de acesso a dados e, portanto, de mediatização. Assim, os recursos locativos que permitem o rastreamento, as câmeras de áudio e vídeo e o registro de situações extremas, a possibilidade de acesso à internet para compartilhamento de conteúdo tem sido importantes potencializadores em mobilizações sociais que vem ocorrendo desde o início de 2011, em que distintos movimentos sociais resistem a governos ditatoriais, como é o caso das manifestações contra Bashar Al-Assad na Síria.

Em conflitos anteriores, os ativistas compartilhavam seus conteúdos por meio de acessos à rede em computadores coletivos. A partir do momento em que o ativista passa a utilizar seu aparelho celular como mídia de *mass self communication*<sup>1</sup> (Castells, 2006), ele promove movimentos de desterritorialização nesse novo espaço construído. O telefone celular nesse contexto destaca-se pela sua função de publicador (*broadcast*) de conteúdos e de coordenador, ao interligar os ativistas dispersos na multidão dos protestos. A miniaturização do aparelho, seu fácil manuseio e sua mobilidade permitem que seja uma ferramenta democratizante.

### 3 MANDEM CELULARES PARA A SÍRIA!



Menino sírio participa de protesto com lousa e os dizeres “Stop the Killing”

Os confrontos entre a população síria e o governo ditatorial já resultaram em mais de 10 mil mortes em um ano. O uso da tecnologia móvel pelos ativistas, particularmente a que en-

<sup>1</sup> Castells define o celular como mídia de mass self communication, ou *intercomunicação* individual, uma nova forma de comunicação em massa produzida, recebida e experienciada individualmente.

volve o aparelho celular, tem sido o único meio de compartilhamento de informação, uma vez que as mídias tradicionais como a imprensa e a televisão estão sob forte censura e os jornalistas estrangeiros impedidos de entrarem naquele país. É pelos celulares que os conteúdos conseguem chegar às redes burlando a rigorosa vigilância do sistema governamental sírio.

O apelo “Mandem celulares para a Síria!” proferido pela blogueira Leila Nachawati no início de sua palestra no *Campus Party*, em 2012, instituiu o celular como arma fundamental na resistência contra a violenta repressão do ditador Bashir Al-Assad.

Durante os eventos violentos que acompanharam os protestos contra o governo sírio, o celular foi o principal dispositivo a testemunhar situações extremas como na imagem ao lado, de crianças aos prantos, de corpos mutilados e espalhando seu conteúdo pela web.

Ao compartilhar pelo celular a realidade cotidiana dos massacres, a todo momento e em qualquer lugar, os usuários contribuem para um processo de modificação da percepção contemporânea de espaço e tempo, fortalecendo a perspectiva de um fenômeno da mobilidade.



O telefone celular conecta diferentes pontos do espaço físico independentemente da mobilidade dos manifestantes e espectadores ou da distância que os separa. Dessa maneira, o espaço público é transformado radicalmente pelo ciberespaço em função de acessos nômades à internet pelos telefones celulares aliados a estratégias de uso das redes sociais e plataformas *opensource*. Nos protestos contra o governo sírio, os ativistas organizaram-se em redes sociais como Facebook pela internet a partir do acesso por telefones celulares. A comunicação entre os ativistas se estabeleceu por meio de mensagens de texto enviadas de um aparelho para outro. O microblog Twitter assumiu a função de compartilhar direcionamentos e alertas para situações extremas. Os vídeos gravados pelos celulares registraram ações do governo e eram distribuídos pelo Bambuser.com<sup>2</sup> ou pelo Youtube. Um grupo de entusiastas coordenava uma central de mídia para que se conseguisse disseminar aqueles conteúdos.

---

<sup>2</sup> Bambuser.com é um website sueco que permite o compartilhamento de vídeo diretamente do celular. Em fevereiro de 2012, o acesso ao site foi bloqueado pelo governo sírio, que o considerou uma “séria ameaça”. Em resposta ao bloqueio, o site trouxe em seu cabeçalho os dizeres “dictators don’t like Bambuser”.



Imagem da central de mídia a partir de onde os ativistas disseminam as informações

Como peças chave, *hacktivistas*<sup>3</sup> como o grupo Telecomix envolveram-se na disseminação de informações e de alertas.



**Telecomix Syria**  
@TelecomixSyria



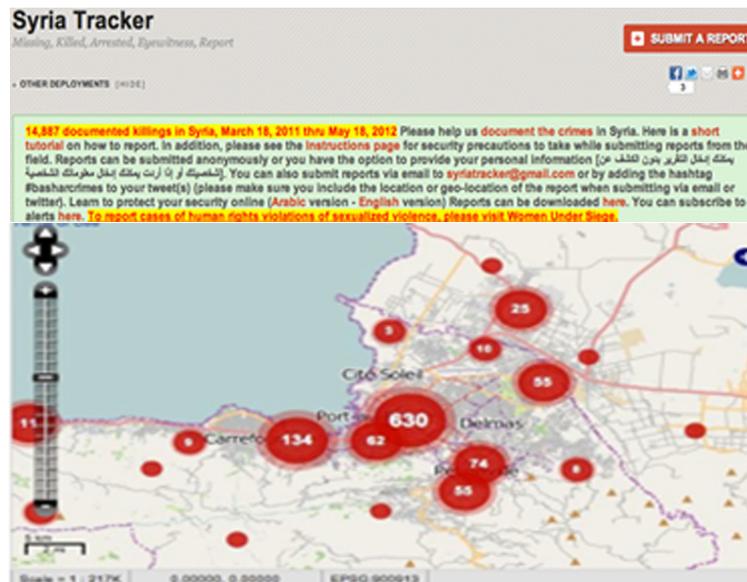
**#smartphone #SECURITY #WARNING**  
**fxn.ws/AcMHEi : applications can read your text**  
**messages and take pictures on your behalf! #Syria**

Exemplo de um alerta feito pelo grupo Telecomix via microblog Twitter

A impressionante dimensão e amplitude do fenômeno da transmidialidade faz com que ele seja um poderoso aliado dos ativistas no compartilhamento de conteúdos multimidiáticos. A transmídia tem origem nos avanços tecnológicos que propiciaram o surgimento de plataformas colaborativas que permitem a criação de comunidades, transformando as formas de interatividade e, conseqüentemente, instaurando novas concepções de *copyright*, de narrativa, de autoria e de leitor/espectador/jogador/consumidor.

<sup>3</sup> Essa expressão é uma união dos conceitos de *hacker e ativista* e denomina os ativistas que criam ou decifram códigos de programação com o intuito de promover mudanças e resistências a problemas sociais.

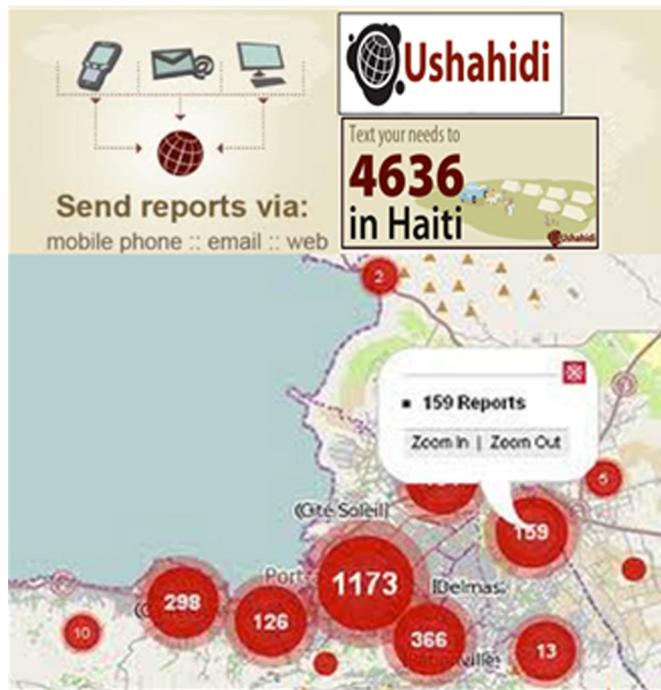
Para o ativismo transmídia, a Internet oferece novas ferramentas de intervenção que complementam a mobilização, como campanhas virtuais, correio eletrônico, grupos de discussão, fóruns, salas de conversação, boletins, manifestos online, murais e plataformas colaborativas que permitem o fortalecimento da cultura participativa. Os eventos ocorridos na Síria mostraram a constância do uso das redes sociais como poderosos lugares de fala e de disseminação de informações. Outra ferramenta extremamente importante foi a plataforma colaborativa *Syria Tracker*, um espaço onde os usuários daquele país podem reportar crimes sofridos por meio de denúncias individuais, tanto em textos escritos quanto em áudio e vídeo. *Syria Tracker* foi construída sob a plataforma USHAHIDI, uma ferramenta *opensource* criada para democratizar o acesso à informação e diminuir barreiras para compartilhar histórias pelo *Crowdmap*. Nesse modelo, reúnem-se informações de um determinado local na plataforma e os dados são visualizados em um *timeline* ou mapa.



Screenshot tirado da plataforma Syria Tracker, utilizada para reportar os abusos cometidos pelo governo sírio.

Para se compreender a facilidade e abrangência do uso da plataforma USHAHIDI, é necessário salientar que ela já foi utilizada em vários outros contextos de resistência e denúncias: no Egito, para relatar ataque contra a população civil da Faixa de Gaza por tropas israelenses, para apoiar a Cruz Vermelha em ações humanitárias no Haiti, para monitorar as eleições da Índia, no mapeamento da Gripe Suína, e a cada ano tem sido descoberta para novos usos testemunhais<sup>4</sup>. Os usuários reportam seus testemunhos abrangendo vários temas: informações sobre desaparecidos, localização de regiões com falta d'água ou com algum outro problema de infraestrutura, situações de abuso sexual, etc.

<sup>4</sup> Ushahidi significa *testemunho* em dialeto queniano, onde foi utilizada pela primeira vez. Segundo seus idealizadores, seu uso se efetiva em uma proporção em que 10% é a tecnologia e 90% são as pessoas que fazem uso dela.



Tela da plataforma Ushahidi usada no Haiti

O compartilhamento das informações é feito geralmente das ruas pelo celular, por sms ou twitters geolocalizados, no entanto, a plataforma permite que a denúncia também seja feita a partir de um computador pessoal.

As mídias móveis atuam, assim, como canais para o fluxo de informações. Elas possibilitam que os ativistas influenciem a ação e despertem consciências por meio de narrativas transmídiaicas distribuídas em multiplataformas. Para Jenkins (2008), as narrativas transmídiaicas funcionam como ativadores textuais que movimentam a produção, a recepção e o armazenamento de conhecimentos. O ativismo transmídia configura uma nova estrutura em que a produção do conhecimento acontece em uma sociedade em rede e na qual os participantes agem de forma colaborativa para que suas vozes sejam ouvidas e possam solucionar problemas.

#### 4 É PROIBIDO PROIBIR

O uso das mídias para a propagação de ideias não é invenção recente. Já nas décadas de 1920-30, Hitler usava o rádio, o cinema e a imprensa para promover os feitos do nazismo. No desembarque dos soldados aliados na costa francesa da Normandia, no dia D, e na tomada americana das ilhas do Pacífico, o governo norte-americano enviou fotógrafos e cineastas para dirigir os cenários, personagens e histórias da guerra, a fim de garantir o controle sobre as imagens que percorreriam o mundo. Em todos esses acontecimentos históricos, esse filtro das informações a serem veiculadas se constitui em uma modalidade de manipulação que se dá pela colaboração entre Estado e grandes

corporações de comunicação. A partir da presença do celular nos confrontos e a nova configuração midiática, há uma ruptura nesse pacto. O Estado passa a desempenhar outro papel diante das imagens que circulam sem suas aprovações e filtros.

No caso da Síria, ao perceberem o poder dessas ferramentas interligando as pessoas e organizando as mobilizações, o governo, em meio aos protestos, agiu em retaliação diminuindo o sinal de Internet e os serviços de celular. É o que percebemos em comentário de um ativista do site Mobilemedia.com, que afirma: “Nos dias em que muitas pessoas são mortas, o governo simplesmente derruba a internet”. Essas estratégias de controle adotadas pelo governo procuram impedir que as vozes se multipliquem e que a circulação da informação se torne incontrollável.

Tem se tornado comum esses tipos de táticas de controle da informação, que já haviam sido colocadas em prática, por exemplo, em protestos no Egito. No início de 2011 a população egípcia já havia presenciado o “apagão” tecnológico com fechamento da internet e serviços de celulares por ordem do ditador Mubarak. Sem dúvida, a presença dos celulares teve papel relevante na crise daquele regime ditatorial. Pela primeira vez, o aparelho celular também era visto pelo governo ditatorial como perigoso potencializador das vozes nômades que ecoavam pela rede móvel de comunicação.



Cena de protesto na praça Tahrir/Egito em que percebemos o uso de celulares pelos ativistas.

Entretanto, a experiência egípcia de bloqueio da internet por longos períodos trouxe efeitos negativos para a economia do país. Tendo isso em mente, o governo sírio optou por táticas de bloqueio diferentes: diminuiu a velocidade de conexão, impedindo o compartilhamento de fotos e vídeos; proibiu o uso de dispositivos de geolocalização,

etc. Além disso, com os constantes cortes de energia, o simples ato de recarregar a bateria de um celular passou a ser dificultada nas regiões de confronto.

Como consequência, os ativistas tiveram que buscar formas alternativas para continuarem se comunicando com o mundo e compartilhando os acontecimentos. Diante do blackout digital, buscaram nas fronteiras da Turquia e do Iraque sinais de torres de celulares para conexões.

Essas táticas – tanto aquelas da vigilância e controle governamental quanto as resistências dos ativistas – mostram que os coletes à prova de balas não são suficientes nessas novas formas de ativismo transmídia, em que as micro narrativas precisam ser compartilhadas com o mundo afora. Aos ativistas, são necessárias outras ações e precauções para proteger sua privacidade na rede. A perseguição e vigilância por parte do governo, que consegue acessar as localizações e informações compartilhadas pelos ativistas de seus celulares e pela web, fazem com que seja necessário adotar outras estratégias. Para isso, pode-se contar com uma espécie de “kit de sobrevivência digital”, difundido por entusiastas e hacktivistas, que auxiliam as táticas de resistência: por exemplo a produção de contra-informação por meio de encriptação de mensagens enviadas por celular, o acesso anônimo à web, etc, são formas contemporâneas de burlar a censura e conseguir ter voz na rede.

Vídeos recentes registrados na cidade de Homs evidenciaram as barbaridades dos crimes cometidos contra a humanidade naquela região. Em dezembro de 2011, Basil Al-Sayed, um ativista que presenciava um dos massacres, foi morto enquanto filmava outras cenas de horror.

Após inúmeros vídeos de bombardeios e repressões do governo compartilhados em sites como a plataforma Bambuser.com, Bashar Al-Assad chegou ao extremo de banir a comercialização e uso do aparelho iPhone em território sírio.



Documento assinado por Bashar Al-Assad que proíbe o uso do iPhone

Podemos entender que banir um aparelho como o iPhone da Apple é um ato simbólico de negar a convergência digital e as possibilidades que oferece como o registro por vídeos, o acesso e compartilhamento da informação. Ainda assim, ironicamente, um representante da rede de televisão Al Jazeera conseguiu entrar no país anonimamente e testemunhar as tragédias vividas pelos ativistas durante os conflitos, tendo resultado em um documentário intitulado *Síria: songs of defiance*, filmado completamente através de um iPhone. O filme curta-metragem traz cenas de horror das tragédias complementadas por entrevistas com civis e militares opositores ao regime.



Cena do filme *Syria: Songs of Defiance* (Rede Al Jazeera, 2012)

Aliado à censura ao Iphone, o governo sírio adotou a tática de criar um campo de desinformação. Como parte da contra-informação digital criada por ele, inúmeras contas do microblog Twitter foram inventadas para apoiar as falas oficiais do governo. O hashtag #Syria foi usado massivamente com conteúdos de entretenimento que desviavam a atenção dos protestos com mensagens sobre resultados e placares esportivos ou programações televisivas. O grande volume desses conteúdos de entretenimento fez com que eles ficassem bem posicionados em sites de busca e, assim, o usuário era desviado dos textos de constestação e denúncias contra o governo. Outra estratégia de contra-informação foi a criação de perfis fictícios, como, por exemplo, @thelovelysyria, que faz uso de um serviço de mídia que prolifera 2 *spams* a cada 5 minutos. A intenção era distorcer as estatísticas e desviar a atenção dos usuários da rede da causa defendida pelos ativistas. Além do twitter, inúmeras páginas foram criadas pela internet para espalhar mensagens pró-governo.



Perfil @thelovelysyria, criado para proliferar spams com mensagens pró-governo

Notadamente, a Internet tem o poder de reforçar os campos de resistência, permitindo que narrativas sejam construídas em um perímetro do espaço político desterritorializado. Nesse contexto de desinformação, o perigo ao governo se situa na narrativa complexa criada colaborativamente pelos ativistas, por meio do compartilhamento de seus conteúdos diretamente de seus celulares.

No ativismo transmídia há o engajamento, o compromisso para a ação pela criação, doação, compartilhamento, inspirando ações sucessivas. O resultado disso é a formação de uma *comunidade de conhecimento* que se desenvolverá por meio de “espaços de afinidades”. Segundo Geoffrey Long (2009), constitui-se um conjunto de estratégias que provocam no usuário o desejo de envolver-se com outras mídias e entender o processo das indústrias que dão forma a esses meios de comunicação. Neste contexto, usuários geradores de conteúdo, ativistas, têm feito chegar suas mensagens por meio desse conceito, de modo a sensibilizarem as pessoas para as causas que defendem.

## 5 DO NOMADISMO À TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

O uso dos celulares no ativismo transmídia aponta para o surgimento de novas formas de monitoramento, instalando-se uma espécie de sistema de contra-vigilância: uma mistura de libertação e vigilância. Um resultado do fenômeno da mobilidade apli-

cado ao contexto do ativismo digital é o fato de agora o acontecimento não ser mais monitorado exclusivamente por aqueles que estão no poder mas por inúmeros indivíduos situados dispersamente em vários lugares sociais. Alguns estudiosos desse fenômeno tem denominado essa inversão de lugares de poder como uma passagem da sociedade da *surveillance* (em francês, *vigilância*) para a da *sousveillance*<sup>5</sup> (MANN; NOLAN; WELLMAN, ), já que os centros de poder e suas margens são deslocados pelas ações de contra-vigilância. Os recentes protestos de ativistas transmídia analisados neste artigo mostram o papel decisivo dos dispositivos móveis e da web nas ações de *sousveillance*.

Ao mesmo tempo, não se pode afirmar que as tecnologias móveis são libertadoras e democráticas e que, por isso, colocarão fim à barbárie e todas as suas formas de terror. A experiência de países emergentes como o Brasil tem, cada vez mais, indicado que o projeto da *democracia digital* ainda está longe de concretizar-se e que, quando instalado, será disperso e profundamente contraditório.

No entanto, torna-se inevitável pensar que a presença do aparelho celular nos movimentos de resistências sociais provoca transformações na relação dos ativistas com o espaço, principalmente a partir da imediaticidade da comunicação e pela interatividade que permitir a todos os envolvidos o compartilhamento de conteúdos por voz, mensagens de texto, fotos e vídeo. Assim, na medida em que se apropria do telefone celular como um dispositivo de apoio aos protestos, ocorre uma reordenação na relação dos indivíduos com o ciberespaço e, nesse contexto, não apenas dados estão em fluxo, mas também as pessoas e os objetos.

Kellner, entre outros pesquisadores, nos ajuda a pensar sobre as distintas formas de opressão simbólica exercida pelas mídias, mas, ao mesmo tempo, evidencia o fato de que *projetos críticos da cultura da mídia* podem incentivar ações voltadas para a transformação sociopolítica:

Quando as pessoas aprenderem a perceber o modo como a cultura da mídia transmite representações opressivas (...), serão capazes de manter uma distância crítica em relação às obras da mídia e assim adquirir poder sobre a cultura em que vivem. Tal aquisição de poder pode ajudar a promover um questionamento mais geral da organização da sociedade e ajudar a induzir os indivíduos a participarem de movimentos políticos radicais que lutem pela transformação social. (Kellner, 2001, p.83).

A arena virtual pode, como mostram os exemplos de ativismo transmídia aqui analisados, constituir-se em espaço fértil para que contrapoderes possam germinar.

---

<sup>5</sup> Em Francês, o radical “*sous*”, significa “embaixo”. A expressão *sousveillance* refere-se às possibilidades de registro que as tecnologias portáteis pessoais oferecem ao usuário, dando a ele oportunidade de “vigiar de baixo”, isto é, agir em resistência ao poder.

## REFERÊNCIAS

- Antonio Miguel Fumero Reveron. Introdução. **La Rede en el Movil**, 2010. Disponível em: [http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/seccion=1266&idioma=es\\_ES&id=2010051116020001&activo=6.do](http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/seccion=1266&idioma=es_ES&id=2010051116020001&activo=6.do) Acesso em: 15/05/2012.
- BAY, Austin. **Syria's Counter-Information War**. Disponível em: <http://www.creators.com/opinion/austin-bay/syria-s-counter-information-war.html> Acesso em: 15/05/2012.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A era da intercomunicação**, 2006. Disponível em <http://diplo.uol.com.br/2006-08,a1379>. Acesso: 10.Mar.2011.
- Clive Thompson on Establishing Rules in the Videocam Age. **Wired Magazine**. <http://www.wired.com/magazine/2011/06/>
- DINEHART, S. **Thesis Paper**, USC CNTV IMD 2006. Disponível em: <http://interactive.usc.edu/members/edinehart/archives/006541.html>. Acesso em: 11/05/2012.
- JENKINS, H. **A cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.
- LONG, Geoffrey. **Transmídia, a narrativa da atualidade**. Entrevista a Marcus Tavares. In: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=555ENO001>. Acesso em 12/05/2012.
- MACHADO, Felipe. **Ativista americana prega a revolução pelo celular**, 2007. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/tecnologia,ativista-americana-prega-a-revolucao-pelo-celular,55071,0.htm>. Acesso em: 20/05/2012
- MANN, Steve; NOLAN, Jason; WELLMAN, Barry. Sousveillance: Inventing and Using Wearable Computing Devices for Data Collection in Surveillance Environments. **Surveillance & Society** 1(3): 331-355. Disponível em: <http://www.surveillance-and-society.org>
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicación y solidaridad en tiempos de globalización, **Encuentro Continental de Comunicadores**. Oclacc, Celam, Sertal. Medellín, 20-30 abril 1999.
- \_\_\_\_\_. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- McGUIRE, R. **The power of mobility**. Hoboken: John Wiley & sons, 2007.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras**: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.

SRIVASTAVA, Lina. **Transmedia Activism**: Telling Your Story Across Media Platforms to Create Effective Social Change, 2009. Disponível em: [http://www.mediarights.org/news/Transmedia\\_Activism\\_Telling\\_Your\\_Story\\_Across\\_Media\\_Platforms\\_to\\_Create\\_Eff](http://www.mediarights.org/news/Transmedia_Activism_Telling_Your_Story_Across_Media_Platforms_to_Create_Eff). Acesso em: 20/05/2012.

VACAS AGUILLAR, Francisco. El poder de La movilidad. De médios de masa a médios personales. Telos. **Cuadernos de Comunicación y Innovación**. Número 83. Disponível em: <http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/url-direct/pdf-generator?tipoContenido=articuloTelos&idContenido=2010051212230001&idioma=es>. Acesso em 20/05/2012.

VERCLAS, Katrin. **Activist media from the frontlines**: mobile, strategic and much more than just at “the right place at the right time”. Disponível em: <http://www.mobileactive.org/tagging/mobile-medita-toolkit> Acesso em: 18/05/2012.